

AS FILHAS DE MARTE¹ ADOTADAS POR SALUS² E VICTÓRIA³: DA NECESSIDADE AO SENTIDO MODERNO⁴

Felipe Eduardo Ferreira Marta⁵

Roberto Gondim Pires⁶

Kleber Silva Rocha⁷

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Jequié, Brasil

fefmarta@gmail.com

gondim.roberto@gmail.com

klebersrocha@msn.com

Recebido em 09 de maio de 2011

Aprovado em 22 de maio de 2011

Resumo

Atualmente as artes marciais são parte da cultura corporal brasileira. A esse respeito observa-se que a introdução das artes marciais deveu ao processo imigração dos povos de origem oriental iniciado no século XX parte significativa de seu relativo sucesso. Porém questiona-se se esse sucesso teria relação com questões relativas à situação vivida em seus países de origem no momento pré-vinda, algo que muitas vezes costuma passar despercebido. Assim, baseados em pesquisa bibliográfica e documental, verificamos que esse processo se expressou mediante a adoção em seus países de origem, de padrões europeus de trabalho corporal, destacando-se o esporte, entendido segundo Bourdieu (1990 e 1983) e Elias (1992); e a ginástica. Um processo que teve no “controle da violência potencial” uma das características mais marcantes tornando essas práticas menos “estranhas” aos brasileiros já no momento de sua introdução.

Palavras-chave: artes marciais orientais; história; Brasil.

¹ Deus romano da guerra de onde deriva a expressão artes marciais.

² Deusa romana da saúde e sanitariedade.

³ Deusa romana da vitória que em seu sentido contemporâneo é associada às conquistas esportivas.

⁴ O presente artigo representa a versão integral da comunicação oral apresentada no XXV Simpósio Nacional de História, ocorrido na cidade de Fortaleza-CE em 2009.

⁵ Doutor em História Social pela PUC-SP e membro do grupo de pesquisa “Corporhis: corpo, história e cultura”.

⁶ Doutor em Educação pela UFBA e membro do grupo de pesquisa “Corporhis: corpo, história e cultura”.

⁷ Mestre em Educação pela Universidade do Porto-Portugal e membro do grupo de pesquisa “Corporhis: corpo, história e cultura”.

Abstract

The daughters of Mars adopted by Salus and Victory: the need to modern sense

Today martial arts are part of Brazilian body culture. In this regard it is noted that the introduction of martial arts owns to the migration process of Oriental originated people initiated in the twentieth century a significant part of their relative success. However this raises questions about if the success had any connection to issues related to their situation experienced in their home countries in the pre-coming time, riches that often tend to go unnoticed. Thus, based on literature and documents research, we found that this process is expressed through the adoption in their home countries of the European standard of body work, highlighting the sport, understood according to Bourdieu (1990 and 1983) and Elias (1992) and gymnastics. A process that had in the “control of the potential violence” one of the most striking features becoming these practices less “strange” to the Brazilians at the time of its introduction.

Keywords: eastern martial arts; history; Brazil.

Introdução

Quando se pergunta o que são as artes marciais, formula-se uma indagação importante na medida em que, ao tentarmos esclarecer um pouco do que compreende o universo das artes marciais orientais, estamos muito mais preocupados, não com o seu sentido original, mas com o significado contemporâneo assumido por essas práticas. Portanto, o que nos interessa aqui é entender o processo de transformação de seus objetivos, significados e mesmo de sua prática.

Vale destacar que o termo arte marcial, ao contrário do que sugere nosso senso comum, não se restringe apenas às práticas originadas no extremo oriente, por isso, nesse trabalho, associamos ao termo à expressão “oriental”, pois existem artes marciais criadas no ocidente que foram sendo lentamente convertidas em jogos, que, em alguns casos, posteriormente, foram convertidos em esportes⁸, como resultado de um processo de amenização ou supressão daqueles elementos considerados violentos ou bárbaros

⁸ Chamamos a atenção especialmente para alguns exemplos empíricos, como, o tiro, a esgrima, o arco e flexa. E além desses, no terreno específico das lutas, chamo atenção para o boxe e a luta greco-romana.

para as novas sensibilidades “civilizadas” que foram se desenvolvendo na Europa, a partir da centralização do poder e do conseqüente monopólio da violência⁹.

Assim, gradualmente passou a ser inaceitável que, durante um jogo ou disputa, algum participante terminasse gravemente ferido ou mesmo morto.

Cabe aqui a questão: teriam os países do oriente vivenciado um processo semelhante? Se sim, quais teriam sido as conseqüências desse processo para as artes marciais orientais?

Para pontuar esse questionamento seria necessário investigar a fundo a história desses países, algo que não é nosso objetivo aqui. Entretanto, quando voltamos nosso olhar para a questão da entrada da cultura corporal européia nos países do oriente, alguns indícios interessantes vêm à tona e esses indícios nos ajudam esclarecer o porquê da rápida aceitação das artes marciais enquanto experiência corporal nas cidades do ocidente.

Isso nos leva ao seguinte questionamento: será que essas práticas eram, na ocasião de sua introdução no Brasil, tão orientais assim? Ou, para não sermos pegos pelo equívoco de imaginar que essas práticas eram ou são homogêneas, nos questionamos quanto à possibilidade de as diversas artes marciais orientais que aqui aportaram apresentarem, mesmo no momento de sua introdução, a interferência de elementos próprios de uma visão mais ocidentalizada de trabalho corporal.

Da necessidade ao sentido Moderno

Ao analisar parte da história dos países onde se originaram essas práticas, alguns indícios surgiram: a história de algumas das mais populares artes marciais difundidas no

⁹ Sobre o assunto, recomendamos a leitura da obra de Norbert Elias (1994), “O processo civilizador: uma história dos costumes”, em especial, o segmento X do segundo capítulo do volume I, intitulado: “Mudanças na agressividade”.

Brasil, como por exemplo, o Judô, o Karatê, e o Taekwondo, quando colocadas em contraste com determinados aspectos da história de seus países de origem, revelam o papel que o contato com as práticas corporais européias exerceu na sistematização de um sentido moderno para as mesmas.

Assim, muito embora a grande maioria das artes marciais orientais atualmente praticadas na cidade de São Paulo relacione sua gênese às práticas corporais presentes na antiguidade de seus países de origem; o período entre os anos finais do século XIX e a primeira metade do século XX, marca uma mudança gradual nessas práticas rumo a uma perspectiva moderna de trabalho corporal.

Além da questão do contato com formas européias de trabalho corporal na edificação de um sentido moderno para as artes marciais orientais, há que se destacar também a influência das inovações tecnológicas no campo da “arte da guerra”, sobretudo a crescente utilização das armas de fogo em combate, em detrimento da espada que, gradualmente, foi se configurando mais como um objeto de distinção de patentes do que propriamente uma arma de combate.

A respeito desse contato com as práticas corporais européias, é importante frisar que esse “encontro” não apagou rapidamente ou por completo as raízes tradicionais dessas práticas, mesmo porque é nos elementos tradicionais da cultura oriental que as mesmas buscam a afirmação de sua identidade. Contudo, houve, e ainda hoje há uma disputa pela hegemonia, no que se refere ao modo como devem ser entendidas essas práticas, expressando o que Williams (1979) chamou de “dominante, residual e emergente”. Assim, não foi no ocidente, como se poderia supor, que essas práticas tiveram o seu primeiro contato com alguns elementos de determinadas formas de ginástica e também com o esporte moderno, e sim em seus próprios países de origem.

Um exemplo disso pode ser verificado em Zheng (2007), que afirma que o primeiro programa de calistenia foi introduzido no Japão em 1878, anteriormente, portanto, à criação de algumas das artes marciais mais populares no Brasil, como por exemplo, o Judô (1882), o Taekwondo (1955), o Karatê¹⁰ (1936). Mais do que isso, a calistenia foi também a primeira forma de Educação Física de origem ocidental a entrar na China (ZHENG, 2007). A respeito de sua introdução no Japão escreveu o autor:

O primeiro programa de calistenia do Japão foi introduzido em 1878 por George A. Leland, um educador físico norte-americano que serviu como diretor de Educação Física nomeado pelo Ministério de Educação Japonês. Leland desenvolveu um sistema de "calistenia leve" (*kei taiso*) que foi instituído em escolas primárias como regime regular de exercício em 1881. A rotina desenvolvida por Leland, no entanto, não resistiu por um longo período. Pois, em 1886 uma ordem na educação primária fez que se fossem adotados "exercícios no estilo da infantaria" uma nova "calistenia militar" (*heishiki taiso*). Essas reformas não foram projetadas apenas para "construir corpos mais fortes", mas também, para instigar nas crianças a "virtude" de não questionar a obediência ao estado. No Japão, estudantes serviram como uma população importante na experiência e desenvolvimento das categorias e técnicas de gerência populacional. Eram usados como "crianças recrutadas" que por não terem capacidade para questionar ofereciam as vantagens de uma população cativa (ZHENG, 2007).

Desse modo, o principal fator que tornou possível a entrada da cultura corporal de base européia nos países do oriente em finais do século XIX foi o período da história do Japão conhecido como Restauração Meiji (1868-1912) e a consequente expansão imperialista japonesa.

O período conhecido como Restauração Meiji é marcado pela abertura do Japão aos países do ocidente, é o início do processo de ocidentalização, modernização e industrialização do país. Não obstante, é importante destacar, por mais contraditório que

¹⁰ No que se refere ao Karatê o ano de 1936 marca o início da utilização da palavra "Karatê" escrita com caracteres japoneses para designar os diferentes estilos de arte marcial desenvolvidos na ilha de Okinawa, como por exemplo, Shotoukan (1936), o Shitou-ryuu (1934), Goujuu-ryu (1930), Wadou-ryu (1940) (TAN, 2004).

possa parecer, que esse período, também foi marcado pela criação e fortalecimento de valores japoneses autóctones (MEHL, 2000).

A expansão imperialista japonesa tornou possível a anexação de parte da China, de toda a península coreana e das ilhas Ryu Kyu¹¹, sendo estas as únicas que se tornaram efetiva e definitivamente parte do Japão de hoje. O domínio japonês sobre a China e a Coréia só terminou com o fim da II Guerra Mundial. Mais do que apenas uma presença indesejável nos territórios ocupados, os japoneses trataram de impor sua cultura nas colônias, sua educação, sua escrita, e também sua cultura corporal. Porém, nesse momento, é necessário que se diga, mais uma vez, que essa cultura corporal já havia sofrido a influência ocidental.

A esse respeito, o estudo sobre a cidade chinesa de Dalian¹², realizado por Zheng (2007), nos mostra que a dominação cultural japonesa nas colônias tinha a dupla função de impor seu modelo educacional e ao mesmo tempo inculcar um sentimento de inferioridade entre os dominados, e, nesse processo, não foi pequeno o papel da ginástica calistênica. Afinal, foi também corporalmente que os japoneses tentaram impor a sua superioridade, identificando os meninos chineses matriculados nas escolas mantidas pelos japoneses como afeminados, por não conseguirem executar com o mesmo vigor que os filhos do “sol nascente” os exercícios calistênicos, e isso, de acordo com Zheng (2007), teria ocorrido graças à situação de subnutrição a que eram submetidas às crianças chinesas.

Mais interessante ainda é a afirmação de que contra a dominação japonesa os nativos de Dalian lançaram mão de outro elemento da cultura corporal européia o esporte, mais especificamente o futebol, pois foi com ele que os jovens chineses, a

¹¹ Também conhecido como arquipélago de Okinawa.

¹² Cidade portuária localizada na região nordeste da China e que foi colônia japonesa de 1905 a 1945 (ZHENG, 2007).

despeito de toda humilhação a que foram submetidos nas escolas, conseguiram reafirmar sua masculinidade. Isso tudo graças à liberdade de execução de movimentos que o esporte, diferentemente da ginástica, oferece aos seus praticantes.

Na Coreia, a presença japonesa não foi diferente: práticas corporais tradicionais foram proibidas, pessoas foram levadas para o Japão para trabalharem em regime de semi-escravidão, coreanos tiveram seus nomes substituídos por nomes japoneses, um momento histórico que ainda está vivo na memória dos descendentes dessa geração, como se observa nesses fragmentos retirados do depoimento de três coreanos: “nessa época muitos coreanos se exilaram voluntariamente para a China ou Rússia que são os países vizinhos ou muitos coreanos foram levados à força para trabalharem no Japão”¹³.

[...] É a mesma coisa o brasileiro ir prôs (sic) Estados Unidos e ser chamado de argentino. Pior! Não é a mesma coisa é pior! Porque meu pai foi obrigado a aprender japonês porque era proibido falar coreano no tempo da colonização japonesa, domínio japonês. Meu pai estudou no Japão e ainda hoje ele conta isso, ele é bem velhinho, agora que ele tá velho conta mais vezes, de como ele fez engenharia. Se um coreano tirar 8 e o Japonês 6, entra o japonês e o coreano fica, ele disse que tirou 8,75 no exame de ingresso. Então quando nós somos chamados de japoneses é o pior¹⁴.

[...] quando me chamava de japonês ficava um pouco feio por que realmente ficava na minha memória e nunca fui japonês e ficava feio, mas fora disso, isso também tem um resquício da cultura dos meus pais que odiavam japonês em função da dominação japonesa sobre a Coreia, né? Japonês ocuparam desde 1903 até 1945 e tiraram nome, trocaram nome, puseram nome de japo...coreano e fizeram o diabo com coreano e só com perda da II Guerra Mundial aí coreano se libertou [...]¹⁵.

Nesse raciocínio, que afirma a existência de um sentido moderno, não seria inadequado classificar as práticas corporais nascidas a partir dos últimos anos do século

¹³ Extraído da fala de Hwa Hyun Jung, então Cônsul Geral da Coreia do Sul em São Paulo, em 07 de junho de 2003, durante mesa redonda comemorativa aos 40 anos de imigração coreana no Brasil, evento promovido pelo Instituto de Psicologia da USP (IP-USP).

¹⁴ Extraído da fala de Jung Mo Sung, professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da Puc-SP, em 07 de junho de 2003, durante mesa redonda comemorativa aos 40 anos de imigração coreana no Brasil – evento promovido pelo Instituto de Psicologia da USP (IP-USP).

¹⁵ Extraído da fala de Augusto Myung Ho Kwon, então presidente da Associação Brasileira dos Coreanos (ABC), em 07 de junho de 2003, durante mesa redonda comemorativa aos 40 anos de imigração coreana no Brasil – evento promovido pelo Instituto de Psicologia da USP (IP-USP).

XIX de “artes marciais orientais modernas e inventadas”, pois, a partir desse momento, é possível identificar o acréscimo de cinco elementos determinantes: a) a influência do pensamento ocidental “moderno”, com as práticas, passando a objetivar a saúde moral e física dos seus praticantes e posteriormente a adoção do ideal esportivo da vitória; b) a ação de sujeitos que atestam para a si a função de fundadores das diferentes práticas; c) a preocupação gradual com a sistematização racional e escrita das práticas, que lentamente vai rompendo com a tradição oral que até então marcava, de forma exclusiva, a dinâmica de transmissão dos movimentos das artes marciais orientais; d) o processo de internacionalização, com envio de mestres a diferentes partes do mundo com o objetivo de difundir as práticas e também a formação de federações de âmbito internacional; e e) a adequação da prática às necessidades impostas pelo momento histórico, tema que perpassa todos os quatro itens anteriores.

Três artes e a busca de um mesmo sentido

Nesse sentido, algumas artes marciais orientais tornam-se bons exemplos. O Judô é uma delas. Tendo o seu desenvolvimento diretamente atrelado à biografia de Jigoro Kano, japonês nascido em 1860, o Judô foi a primeira arte marcial oriental a expressar um sentido pedagógico que, ao mesmo tempo em que buscava a difusão e manutenção de valores morais tradicionais japoneses, buscava também fundir esses valores a aspectos pedagógicos ocidentais.

Um indício do papel de Jigoro Kano na invenção moderna do Judô pode ser observado no estudo realizado por Calleja (1981):

Pessoa de alta cultura geral, Jigoro Kano, era um esforçado cultor do jujutsu. Procurando encontrar explicações científicas aos golpes, selecionou e classificou as melhores técnicas dos vários sistemas de jujutsu. Estabeleceu normas a fim de tornar o aprendizado mais fácil e racional. Idealizou regras para um confronto esportivo, baseado no

espírito do ipom-shobu (luta por ponto completo). Procurou demonstrar que o jujutsu aprimorado, além da sua utilidade para a *defesa pessoal*, poderia oferecer aos praticantes extraordinárias oportunidades no sentido de serem superadas as próprias limitações do ser humano (grifos nossos).

Rapidamente o Judô começa a ganhar notoriedade no Japão. Mas essa ascensão não deve ser analisada fora do contexto da Restauração Meiji, uma vez que, passado o primeiro momento da revolução em que se assistiu a uma desvalorização das tradições japonesas em relação às idéias ocidentais¹⁶, o que por consequência levou a uma desvalorização das artes marciais japonesas, em um segundo momento, passou-se à valorização das tradições com vistas ao fortalecimento do sentimento nacionalista em torno do império japonês. Esse ideal justifica, por exemplo, a criação em 1895 da Dai Nippon Butoku Kai, uma entidade cuja função era ser um centro de referência no ensino, pesquisa, licenciamento e publicações de todas as artes marciais de origem japonesa, dentre as quais também o Judô.

Em 1895, o élan das principais elites marciais apoiadas por Governador Watanabe da prefeitura de Kyoto estabeleceu o Dai Nippon Butoku Kai (Grande Sociedade Japonesa da Virtude Marcial), em Kyoto – Japão, sob a autorização do Ministério de Educação e o endosso de Imperador de Meiji, para solidificar, promover, e padronizar todos os sistemas e disciplinas marciais. Sua pretensão era restaurar as tradições marciais clássicas e as virtudes dos Samurais, bem como mobilizar a nação japonesa em torno de um poderoso legado de cultura marcial. Muitos mestres de proeminência nacional das artes tradicionais do Heiho, Kenjutsu, Jujutsu, Battojutsu, Iaijutsu, Kenpo, Naginatajutsu, Aikijujutsu, Bojutsu, Sojutsu, Kendo, Karatedo, Iaido, Aikido, Judô, Kobudo e de outras formas de Jutsu e sistemas de DO participaram da sociedade DNBK. Era até então a primeira instituição de artes marciais oficial de Japão sancionada pela autoridade do governo nacional. O Príncipe Komatsu No Miya Akihito serviu como o primeiro Sosai, comandante supremo do Dai

¹⁶ Um aspecto marcante desse momento histórico no Japão foi o decreto de proibição do uso do birote, que foi muito bem retratado na autobiografia de Ginchin Funakoshi, especialmente na passagem em que é relatada a reação de seu pai e de sua mãe ao notar que seu filho havia aderido à determinação do decreto imperial para poder ocupar suas funções como professor em uma escola primária de Okinawa: “Meu pai mal podia acreditar em seus olhos. ‘O que você fez a você mesmo?’, gritou com raiva. ‘Você, o filho de um Samurai!’ Minha mãe, ainda mais raivosa do que ele, recusou-se a falar comigo. Virou-me as costas, saiu de casa pela porta dos fundos e fugiu para a casa de seus pais” (FUNAKOSHI, 1975).

Nippon Butoku Kai enquanto Governador Watanabe serviu como Fuku Sosai, vice-comandante. Portanto, DNBK tornou-se o quartel general, centro de treinamento, pesquisa, licenciamento e publicação de normas a respeito de todas as artes marciais japonesas¹⁷.

Outro aspecto importante em relação ao desenvolvimento do Judô no processo de modernização das artes marciais se deu após a II Guerra Mundial em 1948, por ocasião da criação da Federação Nacional de Judô, algo que demonstra a adoção de mais um elemento próprio da cultura corporal européia, o esporte.

Além dos aspectos já citados, houve também a influência exercida pelo processo de internacionalização da prática, algo que para o Judô deu-se logo no início do século XX, conforme aponta Calleja (1981):

No ocidente, uma das primeiras academias foi estabelecida em 1900, em Londres, por um japonês que se intitulava “Prof. S. K. Uyenishi, campeão de jiu-jutsu do mundo” e sua propaganda, assim afirmava: “A arte que se aprende em algumas lições”. Anos após uma academia em Liverpool, denominada “Ashikaga”, só ensinava por correspondência e garantia que o sistema de jujutsu era “uma cura positiva para os males da constipação, dispepsia, insônia e perda da vitalidade”.

Além do já citado processo de internacionalização do Judô, a passagem acima nos mostra também a associação entre as artes marciais e o binômio esporte e saúde, elementos tão presentes em nossas possibilidades de experiências corporais atualmente.

¹⁷Tradução livre dos autores. No original: In 1895, the leading élan of martial elites backed by *Governor Watanabe of Kyoto Prefecture* established The *Dai Nippon Butoku Kai* (Greater Japan Martial Virtue Society) in *Kyoto* Japan under the authority of the Ministry of Education and the endorsement of *Meiji Emperor* to solidify, promote, and standardize all martial disciplines and systems. It intended to restore the classical martial traditions and virtues of Samurai way and it mobilized the nation of Japan with powerful legacy of martial culture. Many outstanding and renowned practitioners in traditional Heiho systems, Kenjutsu, Jujutsu, Battojutsu, Iaijutsu, Kenpo, Naginatajutsu, Aikijujutsu, Bojutsu, Sojutsu, Kendo, Karatedo, Iaido, Aikido, Judo, Kobudo and from other Jutsu forms and Do systems joined in the DNBK society of national prominence. It was the first official martial arts institution of Japan sanctioned by the authority of the national government. The *Prince Komatsu no Miya Akihito* had served as the first *Sosai*, supreme commander of the *Dai Nippon Butoku Kai* while Governor Watanabe served as *Fuku Sosai*, vice-commander. Consequently, DNBK became the prestigious headquarters empowered by the nation's leading experts, and established as the center for training, research, licensing, and publication of all martial arts disciplines. *Dai Nippon Butoku Kai. History and philosophy*, 2004. Disponível em: <<http://www.dnbk.org/history.cfm>>. Acesso em: 15 set. 2008.

Por fim, não se pode deixar de destacar que, das artes marciais orientais, o Judô foi a primeira a tomar parte nos Jogos Olímpicos da Era Moderna, realizando sua estreia na cidade Tóquio, em 1964 (CALLEJA, 1981).

Trilhando o mesmo caminho aberto pelo Judô no Japão iremos encontrar outra arte marcial japonesa: o Karatê. Tal como o caso do Judô, que é uma adaptação moderna das técnicas do Jujutsu, o Karatê tem seu desenvolvimento atrelado às antigas artes marciais praticadas na ilha de Okinawa. Mais uma vez, é possível identificar a presença dos cinco elementos destacados anteriormente.

Assim, no caso do Karatê, tal como no Judô, onde a influência de Jigoro Kano foi determinante, temos a figura de Ginchin Funakoshi – nascido na ilha de Okinawa¹⁸ no mesmo ano em que teve início a Restauração Meiji, 1868, Funakoshi é considerado o idealizador do processo de modernização das artes marciais da ilha, bem como da adoção do nome Karatê (TAN, 2004).

Em sua autobiografia, é marcante a forma como Funakoshi entende a questão da adequação do Karatê à nova realidade imposta pelo século XX, em quatro aspectos fundamentais da prática: a) a questão do nome Karatê e a forma de escrevê-lo; b) a questão do objetivo da prática; c) a preocupação gradual com a sistematização racional e escrita das práticas, algo que lentamente vai rompendo com a tradição oral que até então marcava, de forma exclusiva, a dinâmica de transmissão dos movimentos das artes marciais orientais; e d) o processo de internacionalização, com envio de mestres as diferentes partes do mundo com o objetivo de difundir as práticas e também a formação de federações de âmbito internacional.

¹⁸ Okinawa é a província mais ao sul do Japão e consiste de 169 ilhas que formam o arquipélago Ryukyu. Sua história é marcada pela influência cultural chinesa e japonesa o que contribuiu para emergência de uma cultura própria (FREITAS, 2001).

No que se refere à adoção do nome Karatê para classificar as artes marciais desenvolvidas em Okinawa e da forma de se escrever essa palavra – se com caracteres japoneses ou chineses –, Funakoshi acaba optando pela maneira japonesa de escrever e isso, mais do que uma simples escolha entre caracteres, expressa um sentido político duplo, referenciando ao mesmo tempo o Japão e também Okinawa, algo que casou perfeitamente com o momento histórico em que foi estabelecido. O trecho a seguir extraído de sua autobiografia esclarece essa afirmação:

Não é fácil dominar a língua japonesa, e também ela nem sempre é tão explícita quanto poderia ser: caracteres diferentes podem ter exatamente a mesma pronúncia, e um mesmo caractere pode ter pronúncias diferentes, dependendo do uso. A expressão *karate* é um exemplo excelente. *Te* é bastante fácil; significa “mão(s)”. Mas há dois caracteres bem diferentes pronunciados *kara*; um significa “vazio”, e o outro é o caractere chinês que se refere à dinastia Tang e que pode ser traduzido por “chinês”. Assim, deveríamos escrever nossa arte marcial com os caracteres que significam “mão(s) vazias” ou como os que significam “mão(s) chinesas”? Encontramo-nos novamente no domínio nebuloso da conjectura, mas acredito estar livre de erro ao dizer que, antes de eu vir de Okinawa a Tóquio no início da década de 1920, era comum usar o caractere para “chinês” em vez do caractere para “vazio” para escrever *karate*, mas isso não significa que o uso do *kara* chinês era necessariamente correto.

Funakoshi está escrevendo de Tóquio para Tóquio, “*antes de eu vir de Okinawa a Tóquio no início da década de 1920*”, demonstrando toda sua preocupação com o momento histórico vivido, ou seja, o de um Japão imperial prestes a ingressar na II Guerra Mundial, momento em que qualquer influência chinesa, inclusive (ou seria fundamentalmente?) cultural deveria ser abafada em favor da valorização de tradições supostamente autóctones¹⁹. Apesar de reconhecer a tradição, Funakoshi rompe com ela no momento em que lança dúvida sobre o costume corrente na ilha de Okinawa em

¹⁹ Para uma explicação pormenorizada a respeito da ação política de Ginchin Funakoshi no processo de inserção do Karatê no Japão confira: Tan (2004).

relação à escrita do nome Karatê. No trecho seguinte, o posicionamento de Funakoshi se torna ainda mais claro, sendo possível detectar até mesmo um “*mea culpa*”:

De fato, em Okinawa, usávamos a palavra *karate*, mas mais frequentemente chamávamos a arte simplesmente de *te* ou *bushi no te*, “a(s) mão(s) do guerreiro”. Assim, poderíamos dizer que um homem estudou *te* ou teve experiência no *bushi no te*. Quanto à época que *te* se tornou *karate* no uso de Okinawa, devo conter-me de apresentar até mesmo uma suposição, visto que não existe nenhum material escrito que possa nos prover a mais vaga referência e, portanto muito menos nos dizer se o caractere usado foi aquele para “chinês” ou aquele para “vazio”. Pelo fato de que Okinawa estivera por um longo tempo sob a influência chinesa e também por que tudo o que era importado da China era considerado de melhor qualidade e de acordo com a moda, muito provavelmente foi o *kara* “chinês” mais do que o *kara* “vazio”, mas isso, repito, pode ser apenas um mero jogo de adivinhação.

Negando a tradição, selecionando memórias, desqualificando costumes, Funakoshi vai gradativamente fundamentando na “razão” e na forma, como a prática se apresentava naquele momento histórico, sua opção por um Karatê distante da influência chinesa, porém não sem enfrentar opiniões contrárias ao seu intento:

Efetivamente os dois tipos de *te* ensinados e praticados em Okinawa poderiam mais corretamente ter sido chamados *Shurite* e *Nahate*²⁰, decorrentes das duas diferentes escolas de karatê existentes na ilha. Mas os caracteres para “mão(s) chinesa(s)” parecem ter se tornado mais populares, e, talvez como consequência, as pessoas passaram a acreditar que o karatê era realmente uma forma da arte do boxe chinês. Mesmo atualmente há os que sustentam essa opinião, mas de fato o karatê como praticado hoje é muito diferente da antiga arte chinesa do boxe. Em grande parte por essa razão, achei difícil acreditar que “mão(s) chinesa(s)” era o termo correto para descrever o karatê de Okinawa como ele evoluiu ao longo dos séculos. Então, alguns anos depois que vim para Tóquio, tive oportunidade de manifestar minha discordância como essa maneira de escrever tradicional. Essa oportunidade surgiu quando a Universidade de Keio constituiu um grupo de pesquisa do karatê, e eu então pude sugerir que a arte recebesse o nome Dai Nippon Kempo Karatê-dô (“Grande Caminho Japonês do Método do Punho das Mãos Vazias”), utilizando o caractere para “vazio” em vez do caractere para “chinês”. Minha sugestão provocou inicialmente explosões violentas tanto em Tóquio como em Okinawa, mas eu acreditava na mudança e me dediquei a ela

²⁰ Shurite e Nahate significam respectivamente: mãos de Shuri e mãos de Naha. Ambas são vilarejos de da ilha de Okinawa onde era praticado o Karatê de forma particular, além desses dois estilos existe um terceiro, o Tomarite que é relativo ao Karatê praticado no vilarejo de Tomari também na ilha de Okinawa (TAN, 2004).

no decorrer dos anos. Desde então essa mudança foi tão amplamente aceita que a palavra *karate* pareceria estranha a todos nós hoje se fosse escrita com o caractere *kara* “chinês”. O *kara* que significa vazio é definitivamente o mais apropriado. Em primeiro lugar, ele simboliza o fato evidente de que essa arte de autodefesa não usa armas, somente pés desguarnecidos e mãos vazias. Além disso, os estudantes de karatê-dô têm como meta esvaziar o coração e a mente de todo o desejo e vaidade terrenos.

Dessa maneira, Funakoshi termina sua justificativa a respeito da escrita da palavra Karatê com caracteres japoneses. Além disso, não devemos tomar como inocente o fato de Funakoshi ter optado pelo anúncio de sua decisão em adotar a escrita japonesa para Karatê, tendo o suporte de uma universidade, ou seja, um lugar de poder.

Outro ponto interessante, com relação à construção de um sentido moderno para a prática, está nos objetivos defendidos por Funakoshi que visava à inclusão do Karatê como disciplina escolar, como uma forma de Educação Física. Nesse particular é possível perceber influência da cultura corporal de base européia sobre a japonesa, pois o desejo de Funakoshi era trilhar, com a arte marcial Karatê, o mesmo caminho trilhado, anos antes, pela ginástica, enquanto possibilidade de experiência corporal na sociedade européia, usando, para isso, um veículo poderoso, a escola.

Depois de perceber que obteria sucesso no empreendimento de alterar mãos “chinesas” por mãos “vazias”, dei início a outras tarefas de revisão e simplificação. Com a esperança de ver o karatê incluído na educação física universal ensinada em nossas escolas públicas, dediquei-me a revisar os *katas*²¹ de modo a simplificá-los o mais possível. Os tempos mudam, o mundo muda e obviamente as artes marciais também devem mudar. O karatê que os alunos de segundo grau praticam hoje não é o mesmo que era praticado há dez anos, e é bem grande a distância que o separa do karatê que aprendi quando era criança em Okinawa. Considerando que não há atualmente, e nem nunca houve, nenhuma regra rígida com relação aos vários *katas*, não é de surpreender que esses tenham mudado não somente com os tempos, mas ainda de instrutor para instrutor. O mais importante de tudo é que o Karatê como uma forma de esporte utilizado na educação física, deveria ser bastante simples para ser praticado sem maiores

²¹ Os “*katas*” ou “*formas*” constituem os movimentos básicos do Karatê, mas também são verificados em outras marciais, guardando, entretanto suas especificidades. Para mais explicações sobre os *katas* do Karatê confira: Nakayama (1977).

dificuldades por todos, jovens e velhos, meninos e meninas, homens e mulheres.

O fragmento acima mostra que o Karatê também seguiu o mesmo caminho iniciado pelo Judô de Jigoro Kano, anos antes, o caminho da escola através do esporte e da Educação Física. Além disso, é possível notar a necessidade de se oferecer às artes marciais uma explicação racional, através da sistematização escrita da prática propriamente dita, buscando algo que a colocasse em total harmonia com o que havia de mais moderno em termos de trabalho corporal.

Outra reforma a que dediquei minha atenção foi a da nomenclatura. Pouco tempo depois que cheguei a Tóquio em 1922, a editora Bukyosha publicou um livro escrito por mim, intitulado *RyuKyu Kempo: Karate*. Naquela época, a palavra ainda estava sendo escrita como “mãos chinesas”, quase todos os nomes dos *katas* que descrevia em meu livro tinham sua origem em Okinawa: *Pinan, Naifanchi, Chinto, Bassai, Seishan, Jitte, Jion, Sanchin*, e assim por diante. De fato, esses eram os nomes que eu havia aprendido há muito tempo de meus professores. A essas alturas, ninguém tinha a mínima idéia de como eles surgiram, e as pessoas tinham dificuldade em aprendê-los. Em consequência disso, depois de ter transformado “mãos chinesas” em “mãos vazias”, comecei a dar aos *katas* nomes mais fáceis para o uso do povo japonês e agora conhecidos em todo mundo: *Ten no Kata, Chi no Kata, Hito no Kata, Empi, Gankaku, Hangetsu, Meykiô, Hakkô, Kiun, Shôtô, Shôin, Hotaku, Shôkyô* e outros. Apresso-me a garantir ao leitor que não trabalho com a falsa idéia de que os nomes que escolhi são imutáveis e eternos. Não tenho nenhuma dúvida de que no futuro, com a mudança dos tempos, de novo, e mais uma vez, os *katas* receberão novos nomes. E, na verdade, é assim que deve ser.

De tudo o que foi exposto, o que mais impressiona é o relativo desprendimento de Funakoshi em relação à tradição, tendo em vista que o objetivo de ver o Karatê sendo difundido em tantos lugares quanto fosse possível exigia adaptações, que, mais do que necessárias, eram até mesmo desejáveis, afinal para ele “o mundo muda e obviamente as artes marciais também devem mudar”.

Além desses dois exemplos de artes marciais japonesas, cuja prática é bem popular na cidade de São Paulo e em outras cidades brasileiras, é importante pontuar o

desenvolvimento de mais uma arte, sendo essa, porém, de origem coreana, mas que, tal como as anteriormente citadas seguiu o mesmo caminho de modernização, o Taekwondo. Um processo bem sucedido, sobretudo no que tange à sua associação com o ideal esportivo, uma vez que o Taekwondo, em conjunto com Judô, goza do status de ser uma modalidade olímpica.

Assim, em seu desenvolvimento, os cinco elementos destacados no processo de modernização das artes marciais orientais anteriormente citadas também são observados. Mas, para entendermos esse processo em relação ao Taekwondo, é preciso retornar ao período imediatamente posterior ao fim da II Guerra Mundial quando, após a derrota para os Estados Unidos da América (EUA) e para a União Soviética (URSS), as tropas japonesas deixam a península coreana, que, mais uma vez, pôde voltar a praticar suas manifestações culturais, dentre as quais suas antigas artes marciais (MARTA, 2004).

Todavia, essa retomada dos valores tradicionais da cultura coreana veio como um amargo remédio, pois foi acompanhada pela divisão do país em norte e sul pelo paralelo 38, ficando a “tutela” do sul sob responsabilidade dos EUA e a do norte sob responsabilidade da URSS, uma situação que acabou lançando a Coreia no meio da Guerra Fria.

Essa situação de tensão atingiu seu ápice em 1950, quando tem início a guerra civil na Coreia, em que se envolveram a China, a URSS, os EUA e mais 16 países filiados a ONU, inclusive o Brasil. Com o fim da Guerra em 1953, a Coreia do Sul tornou-se extremamente dependente dos EUA, que subsidiavam sua economia. Nas palavras de Choi (1991):

Com a guerra, a economia da Coreia foi totalmente demolida. O subsídio dos Estados Unidos proporcionou, em grande parte, a

reconstrução do país e de sua economia. A partir de então, a economia coreana ficou dependente do referido subsídio, a ponto de ser qualificada de “economia de subsídio”.

E foi no contexto de um país em processo de reconstrução que, em 1955, um grupo liderado pelo General Choi Hong Hi é reunido para sistematizar e unir as diferentes escolas e estilos de artes marciais coreanas, adotando o nome de Taekwondo, estilo Chang-Hun-Ryu. Assim, tal como ocorreu com o Karatê e com o Judô, temos a presença do General Choi Hong Hi.

Mas há também um detalhe que faz toda a diferença, em especial quando pensamos em um sentido moderno para as antigas artes marciais coreanas, diferentemente do que ocorreu com o Judô e o Karatê, cuja influência das formas européias de trabalho se deu por ação civil, ou seja, com um enfoque voltado para a educação. No caso do Taekwondo, não podemos tomar como inocente a influência militar. Afinal, seu maior incentivador não foi um educador, como ocorreu no caso do Judô e do Karatê, e sim um General.

Assim, é possível notar a influência das formas européias de trabalho corporal, não apenas na adoção de alguns elementos da ginástica e do esporte, como ocorreu com o Judô e o Karatê, mas principalmente nos traços de uma disciplina militar. Nesse particular, alguns elementos da própria prática se destacam como, por exemplo, a questão da reverência à bandeira nacional coreana no início e no fim de cada sessão de treinamento, e também disposição cartesiana de colunas de fileiras em que devem se posicionar, tendo à frente sempre os de maior graduação.

Com relação à adoção do esporte na modernização do Taekwondo, o fragmento abaixo nos traz um indício.

Com a independência nacional em 1945, ajudada pela restauração das liberdades pessoais, teve início mais uma vez a revitalização do

taekkieon. É neste período que surge a palavra taekwon, e se consolida o seu uso. Neste momento, a relação professor- aluno começa a se aproximar do esporte afastando-se das artes marciais. Com a fundação da Associação de Taekwondo da Coreia em setembro de 1961, o Taekwondo se configura em um esporte²².

No trecho acima é significativo para os nossos propósitos, a afirmação de que a relação professor-aluno começa a aproximar o Taekwondo do esporte, afastando-o das artes marciais e que, com a criação, em 1961, da Associação de Taekwondo da Coreia, ocorre a inserção definitiva do Taekwondo no mundo dos esportes. Porém, é importante dizer que, ao menos no Brasil, essa mudança não se deu de forma tão rápida e harmoniosa, como se pretende fazer acreditar, sendo ainda hoje motivo de discussão entre aqueles que desenvolvem essa prática em nosso país (MARTA, 2004).

De acordo com Mergulhão e Lee (1979), o primeiro campeonato de Taekwondo do mundo se realizou na Coreia, em 1964. Ainda de acordo com esses autores, em 1961 foi criada a “Korean Taekwondo Association” cujo primeiro presidente foi o General Choi Hong Hi, que, anos mais tarde, em 1967, fundaria também na Coreia a International Taekwondo Federation (ITF).

A questão do processo de internacionalização da prática se evidencia na ação de Choi Hong Hi em preparar e enviar mestres instrutores para diferentes partes do globo. A esse respeito, temos o depoimento de Kun Mo Bang um dos mestres preparados por Choi Hong Hi.

Taekwondo mesmo eu nunca pensei pra trabalhar como mestre, como eu era um menino muito fraco, eu era muito estudioso, eu gostava de livro, aí meu pai me obrigou a treinar alguma coisa, aí comecei, então eu cheguei a mestre, depois a mestre internacional, fiz o curso, eu

²² Tradução livre dos autores. No original: Después de la independencia nacional en 1945, empezó una vez más la revitalización del taekkieon, ayudada por la restauración de las libertades personales. Fue en este período cuando apareció la nueva palabra taekwon y ampliamente en su uso. En este momento, las características de relación maestro – alumno han sido cambiadas y se convierte más en un deporte que las artes marciales. Con la fundación de la Asociación de Taekwondo de Corea en septiembre de 1961, el Taekwondo llegó a ser un deporte (CORÉIA, 2002).

gostava, mas nunca pensei, mas fui escolhido, eu obedecendo vim pra cá²³.

Nesse trecho, Bang nos conta como chegou ao Brasil. Mas, para além da questão de Bang ser um dos enviados de Choi Hong Hi para a difusão do Taekwondo pelo mundo, chama atenção a obediência ao mestre, um aspecto comparável apenas à disciplina da caserna. Contudo, não podemos deixar de frisar que a disciplina e o respeito à hierarquia, próprios da instituição militar, coadunam perfeitamente com a filosofia milenar criada por Confúcio e amplamente difundida e respeitada, mesmo na atualidade, nos países do oriente extremo.

Em 1971, o Taekwondo é proclamado esporte nacional coreano pelo então presidente Park Chunghee²⁴. E o que é interessante nesse aspecto é que, tal como ocorreu no Japão com o Judô e o Karatê, o Taekwondo passa ser fortemente incentivado pelo governo local, tendo a dupla função de dar ao país uma identidade esportiva, ao mesmo tempo em que passa a ser divulgado mundo afora.

O ano de 1973 marca a criação da “World Taekwondo Federation” (WTF). Com forte subsídio governamental, a WTF nasce para rivalizar com a ITF passando a constituir as duas maiores federações de Taekwondo do mundo. Além disso, para se diferenciar da ITF, a WTF cria e adota um novo estilo de Taekwondo: o Kukkiwon.

Em 1980, o Taekwondo passa a ser reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como modalidade oficial de competição, tendo sua estréia nas olimpíadas de Sydney em 2000.

De tudo o que foi exposto acerca do processo de desenvolvimento do Taekwondo, o que me chama a atenção é a intenção de conferir-lhe uma origem coreana

²³ Kun Mo Bang em depoimento a um dos autores em 11 de outubro de 2003 na cidade de Marília-SP.

²⁴ Park Chunghee governou a Coreia do Sul no período entre 1963 e 1979.

autóctone, ligando-o, desde a antiguidade, ou pelo menos aquelas práticas ditas precursoras do mesmo como, por exemplo, o Subak e o Taekkion²⁵, ao esporte, um fenômeno de origem reconhecidamente ocidental, ao menos em sua forma moderna, tendo surgido e se estruturado na Europa, no decorrer dos séculos XVIII e XIX, em conjunto com a nova sociedade urbana e industrial. Dito de outra maneira, buscando naturalizar o processo que, na atualidade, tem marcado o desenvolvimento do Taekwondo, como se esse fosse desde o início o seu “destino histórico”.

Considerações Finais

Evidentemente, os três exemplos citados não correspondem ao número total de artes marciais orientais que atualmente são praticadas na cidade de São Paulo. Além disso, estamos conscientes de que, principalmente no que se refere à adoção do modelo esportivo moderno, não foram todas as práticas corporais orientais que estamos estudando que optaram por esse caminho ainda em seus países de origem, antes de serem introduzidas no Brasil. E mesmo quando esse foi o caminho escolhido, o da esportivização, não se pode dizer que essas práticas tenham experimentado esse da mesma forma que as três artes marciais orientais citadas. Ou seja, poderíamos estar incorrendo em um grande erro, se afirmássemos que o destino das três artes marciais apontadas pode servir de explicação para as demais práticas corporais dessa natureza que aqui chegaram.

Esse é um ponto crucial, pois algumas adaptações foram necessárias para que essas práticas corporais fossem “traduzidas” e encontrassem seu espaço na cidade de São Paulo e nesse percurso não foi rara a adoção total ou em parte de elementos do

²⁵ Ambos, Subak e Taekkion, são apontados na história como as artes marciais coreanas precursoras do Taekwondo (MERGULHÃO, L. E. e LEE, W. J., 1978).

modelo esportivo. Mas, foi justamente assim, ou seja, graças a esse processo de modernização/tradução que o Judô, o Karatê e o Taekwondo foram aos poucos deixando de ser um elemento cultural considerado exótico, para se tornar parte efetiva do universo de experiências corporais disponíveis nas cidades brasileiras.

Referências

CALLEJA, Carlos Catalano. *Contribuição para o estudo e interpretação das regras internacionais de Judô*. 1981. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

CHOI, Keum Joa. *Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil*. São Paulo, 1991. Dissertação (mestrado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1991.

CORÉIA, *Guia de la herencia cultural de Corea*. Servicio de Informacion de Corea, 2002.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FREITAS, Sônia Maria de. *Falam os imigrantes: armênios, chineses, espanhóis, húngaros, italianos de Monte San Giacomo e Sanza, lituanos, okinawanos, poloneses, russos, ucranianos, memória e diversidade cultural em São Paulo*. São Paulo, 2001. Tese (doutorado em História) Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FUNAKOSHI, Ginchin. *Karatê-dô: meu modo de vida*. São Paulo: Cultrix, 1975.

HOBSBAWM, E. J. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWM, E. J. & RANGER, T. (orgs.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. *O caminho dos pés e das mãos: Taekwondo. Arte marcial, esporte e colônia coreana em São Paulo (1970 – 2000)*. São Paulo. 2004. Dissertação (mestrado em História) Programa de Estudos Pós-graduados em História da Puc- SP, São Paulo, 2004.

_____. *A memória das lutas ou o lugar do “DO”*: as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo. São Paulo. 2009. Tese (doutorado em História) Programa de Estudos Pós-graduados em História da Puc-SP, São Paulo, 2009.

_____. *A memória das lutas: as artes marciais orientais e a sua presença na cultura corporal de São Paulo*. São Paulo: EDUC, 2010.

MEHL, Margaret. Chinese learning (kangaku) in Meiji Japan (1868-1912). *History*. Oxford, UK, n. 277, p. 48-66, 2000.

MERGULHÃO, L. E. e LEE, W. J. *Aprenda taekwondo*. Rio de Janeiro: Brasil - América, 1978.

NAKAYAMA, M. *O melhor do Karatê I: visão abrangente-práticas*. São Paulo: Cultrix, 1977.

TAN, Kevin S.Y. Constructing a martial tradition: rethinking a popular history of karate-dou. *Journal of Sport and Social Issues*, Thousand Oaks, CA, n. 28, p. 169 – 192, 2004.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar editor, 1979.

ZHENG, Tiantian. Embodied masculinity: sex and Sport in a (post) colonial chinese city. *The China quarterly*, Cambridge, UK, n. 190, p. 432-450, 2007.